

Revista

nº 15

AVES

Autoral, criativa e diferente

Autores

Líam Naví
Matheus de Andrade
Robinson Silva Alves
Leunira Batista
Larissa de Lima Costa
Nilde Serejo
Rafaela Ribeiro
Morphine Epiphany

Lucas Nangi
Cleonice Flois
Vitor Luiz Leite
Giovanna Tenório
Fred Rocha
Maria Rosa Coutinho
Isabel K. Sparks
Carlos Aragão

Equipe

Editora-chefe

Mayara Barros

Conselho Editorial

Claudia Bianco

Igor Batista

Marina Brandão

Mayara Barros

Vitória Pratini

Projeto Gráfico

Claudia Bianco

Marcelle Andrade

Mayara Barros

Victor Vicente

Vitória Pratini

Jornalistas

Claudia Bianco

Marina Brandão

Mayara Barros

Vitória Pratini

Colunistas

B. Craus Nantai

Capa

B. Craus Nantai

Revisão

Claudia Bianco

Contato

contato@revistavessa.com

www.revistavessa.com

Fone: (21) 992335745

Facebook: /revistavessa

Twitter: @RevistaAversa

Editorial

Essa foi a edição em que tudo deu errado. Como sempre tentamos deixar bem claro, somos uma equipe inteiramente voluntária e, por isso, temos outras responsabilidades que, muitas vezes, são mais urgentes que o nosso trabalho na revista. Por isso, às vezes, as demandas da Aversa sofrem e, por isso, pedimos desculpas.

Apesar de tudo, continuamos dando o nosso melhor para trazer para vocês o espaço literário que tem se tornado tradição nesses quase três anos de existência. Às vezes, vamos tropeçar, mas prometemos sempre levantar, sacudir a poeira e seguir em frente.

Esperamos que possamos contar não apenas com o apoio de vocês - pois isso já ficou bem claro que temos sempre e somos eternamente gratos - mas com a compreensão também.

Muito obrigada por tudo e que continuemos crescendo juntos nessa e em todas as edições que estão por vir.


Mayara Barros
Editora-chefe

A revista Aversa é uma iniciativa independente de graduandos do curso de Jornalismo da UERJ. Os textos divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não necessariamente refletem a opinião da revista. Não é permitida a reprodução dos artigos e textos aqui publicados.

Nº 15 Jul/Ago 2017

7
poesia

Líam Naví

Arquétipos

9
poesia

Matheus de Andrade

Canto aos Infantes

11
poesia

Robinson Silva Alves

Heróis da Palavra

13
poesia

Leunira Batista

Liberdade Poética

14
poesia

Larissa de Lima Costa

Quatro Patas

Coração Herói

Nilde Serejo

15
poesia

Um Herói para Chamar de Seu

Rafaela Ribeiro

16
poesia

Veias Intrépidas

Morphine Epiphany

17
poesia

Resenha Aversa

Patrícia Brito

18
resenha

Lágrimas, Suor e Sangue

B. Craus Nantai

21
coluna

23
prosa

Lucas Nangi

Dezessete

29
prosa

Cleonice Flois

Heróis do Meu Tempo

32
prosa

Vitor Luiz Leite

Liberdade, Liberdade

38
prosa

Giovanna Tenório

Meu protetor o Ursinho

O Gol que Eu

Fred Rocha

42
prosa

Jamais Vi

O Sótão Obscuro

Maria Rosa Coutinho

44
prosa

O Terror de

Isabel K. Sparks

46
prosa

Olhos Amarelos

Um Belo Ser

Carlos Aragão

50
prosa

Arquétipos

Tum...tum... tumtum
Heróis da honra
Heróis da força
Heróis de guerra

Tum, tuntum, tuntum, tuntum
Heróis da mentira
Da volta por cima das vidas
Heróis que dos céus só tem terra

Tum... tum... tumtum
Heróis da competição
Heróis da consumação
Heróis que se juntam para a grande festa...

Tum, tuntum, tuntum, tuntum
Heróis do meu filho
Dos meus netos
Tetranetos
Heróis que na TV do mal
Pisam na testa

Ah, a eterna força do bem
Sob o lance infundável da desforra e
O relance da nova história primitiva!...

Ó, a, ah!
Heróis nítidos
Heróis esquecidos
Heróis anônimos

Ó, a, ah!
Heróis da harmonia
Heróis da vida
Pseudônimos.

Ó, a, ah!
Heróis que não tem músculos
Heróis de poderes “minúsculos”
Heróis faraônicos

Ó, a, ah!
Ó, heróis sem graça
Abominações da raça
Solidários em um mundo
Tectônico!?

“Aahtchim!”
Interrompida a orquestra
no ponto principal.

Líam Naví
ftjapr@gmail.com

Orientador Educacional pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Pesquisador em atividade das temáticas que envolvem relações humanas, psicologia do envolvimento e inteligência emocional. Poeta, Escritor e Voluntário em busca de um mundo mais humano.

Canto aos Infantes

Pouco importa onde estejas,
Não interessa o que sejas,
Ignora o que se deve fazer,
Desnaturaliza-se o temer.
Se erguem a clava forte,
Lembre-se, tens a azagaia.
Lute e peleie contra a morte,
Contra quem quer morta tua laia.
Quando lhe faltar esperança,
Empunhe o escudo e a vossa lança,
Recorda-te de toda a humilhação,
Imensa ira que torrou o seu torrão.
Não abra teus dentes ao algoz,
Alimente o espírito feroz,
Se espelhe em rei leão Sundiata
E não aplicar-lhe-ão uma gravata.
Se a fome te amarra,
Lembre-se de Sankara.
Se tua vida é uma cela,
Recorda-te de Mandela.
Se lhe empregam o acolá.
Não venha te lamentar.
O que há de ter é só alafía
Sob a paz de Oxalá.
Dele provém o toque do alabê,

Para que reines sobre o ayé.
Discriminam tua cor?
Lembra-te, eres a cor.
O chamam de profano?
Recorda-te, teu sangue é africano.
Caso lhe falte o bom axé,
Rememores a grandeza de Ifé.
Sem capa nem poderes especiais,
Em meio à queimada que corrói
Todas nossas escalas sociais,
Necessitamos de tu, ó anti-herói.
Liberta aos montes tua magia,
Esta mesma que há de incendiar
O coração dos Zumbis a hibernar
No berço branco da letargia.
Em meio a toda essa guerra,
Onde a Freetown é teu íngreme cativo,
Berra, emperra, não erra:
Ufano-me em ser preto guerreiro.

Matheus de Andrade

matheusandrade94@gmail.com

Nascido em Taguatinga - DF em 1994, licenciado em História pelo UniCEUB e mestrando em História Cultural pela Universidade de Brasília. Embora escreva desde jovem, há pouco tempo comecei a realmente guardar as coisas que escrevia com importância e zelo. São contos, poesias e crônicas a respeito de muitos temas que variam entre a morte, a ficção, o terror, o medo, a esperança, as mazelas sociais, identidades, alegrias, amores, sentimentos pessoais.

Heróis da Palavra

*Sem capa
Sem espada
Teu poder
É a palavra*

*Que planta
Sementes
Liberta mentes*

*Seus olhos
Não emitem raios
Mais têm o brilho
Da esperança*

*Têm um nobre coração
Coração de criança*

*Suas asas invisíveis
Voam ao som do vento
Na liberdade do pensar
De sentir os sentimentos*

*Teu grito é poderoso
Desafia toda a maldade
Não temes á morte
Os senhores da maldade*

*Sua força é a fantasia
Desbravas o mundo
Vives a magia*

*Sendo vários
Em um só
Na multiplicidade poesia*

*Viajas o universo
Na espaçonave emoção
Senhor das estrelas
Buscando a inspiração*

*Sonhadores
Vivendo a descoberta
Heróis das letras
Poeta.*

Robinson Silva Alves
hiatos@bol.com.br

Liberdade Poética

Leunira Batista
leunira.batista@hotmail.com

Nasceu em Nossa Senhora da Glória, SE, Brasil. Escritora, poetisa e jornalista. Graduada em Letras pela UNIT. Coautora do livro Nossa Senhora Da Glória e Sua História (1978), marco dos 50 Anos de Emancipação Política. Autora do livro O Espelho da Felicidade (2014). Integrante de 17 Antologias e de várias Revistas. Membro Efetivo da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS). Membro efetivo da Academia Gloriense de Letras (AGL).

No hoje junto letras e faço versos
Com o império da poesia vou...
Sopeso a tristeza no tempo e na confiança
No cenário cultural avigoro o sonho
Sou heroína perpetuo-me na lembrança.

Sua Majestade a Palavra
Na magia dos encontros e desencontros
Vou... Na chuva do encantamento
Desanuviar minha alma
Que dá tom as partituras da vida.

Vou... Com o amor
Para a festa do céu na terra
Profetizo a natureza
Descarto contratempo
Nas estrelas geladas
Escrevo belas palavras.

Quatro Patas

Acordar com aquela preguiça de uma quarta feira de manhã
O que te anima?
Depois de uma semana toda de correria
O que você mais deseja?
Quando nada parece fazer sentido
Qual é a sua melhor companhia?

Eles são tratados como “filhos” por muitas famílias
Alguns são treinados para a luta no crime
Outros salvam vidas.

Uma responsabilidade cheia de amor e companheirismo.

Pode ser quando te acordam pedindo carinho
Quando fazem um alvoroço ao te ver retornando para casa no fim do dia
Ou quando te fazem sentar apenas para receber um cafuné.

Assim são os cachorros:
Seres vivos de alegria,
Anjos de pessoas,
Heróis de vidas.

Heróis das nossas vidas.

Larissa de Lima Costa
larissaldlc@gmail.com

Moradora do interior de São Paulo, 18 anos e estudante de Marketing. Eclética, apaixonada pelos meios de comunicação e de estar sempre atualizada com as mídias. Amante da leitura e se auto conhecendo e descobrindo a cada amanhecer.

Coração Herói

Nilde Serejo
nildeserejokiss@gmail.com

“Sou artesã, apaixonada por poesia e tudo que envolve literatura, artes. Gosto de ler, escrever. Sou mãe de adolescente deficiente, o que me deu outra visão e abriu mundos surpreendentes nesse meio. Tenho página no Facebook e canal no YouTube que levam meu nome Nilde Serejo.”

*A vida segue por cada escolha
Quem somos nós nesse mundo
Os bons, os malvados, os silenciadores
Não há uma divisão
É da natureza ser herói ou ser vilão
Tá dentro de cada um a máscara
Cabe usar ou não
Quem um dia foi admirado
Hoje é odiado
A vida segue em contra mão
Nem quadrinhos se salvam
Todo bom já fez maldade
Todo mal já fez algo bom
Depende da intensidade
Do que busca e acredita
Não sou santo nem sou averso
Heróis mesmo é quem luta
Por um ideal, um sonho
Ou por alguém que precisa de ajuda
Heróis são nossos corações
Que aguentam cada tombo
Ainda que frágil é forte
E segue batendo mesmo quando morre aqui dentro
Com as decepções.*

Um Herói para Chamar de Seu

Todo mundo merece um herói, para chamar de seu.
Mas meus heróis não usam capas ou máscaras.
Meus heróis sangram e choram.
Eles sentem saudade.
Ao se lembrar, de um grande amor com lágrimas nos olhos.
Eles ainda são capazes de se comover
com as mazelas do mundo.
Meus heróis lutam por aquilo que acreditam.
Mesmo que isso signifique estar só.
Meus heróis trabalham dia e noite.
E constroem o pouco que tem com dedicação e suor.
Meus heróis nascem, vivem e morrem anônimos.

Rafaela Ribeiro
rafaelaribeiro2064@hotmail.com
É funcionária pública, nascida no interior de Minas Gerais, e desde pequena apaixonada pela literatura, fazendo da escrita um hobby arrebatador.

Veias Intrépidas

Morphine Epiphany
souavenger69@gmail.com

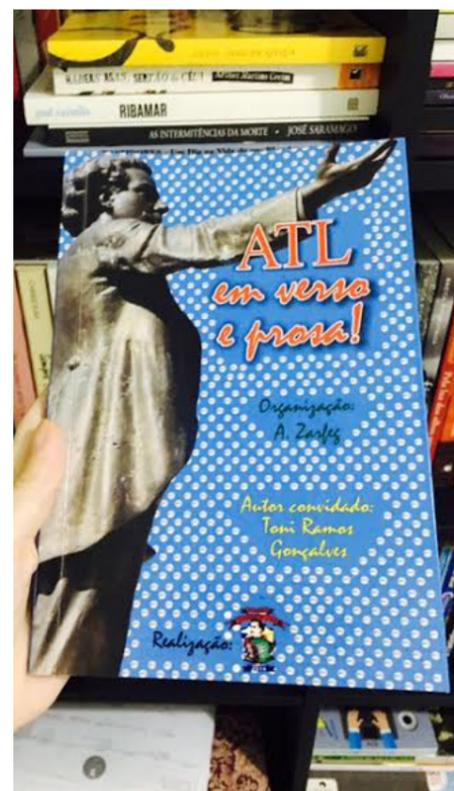
Nasceu em 1987. Formada em Produção de Música Eletrônica. Ex-integrante do Coletivo MINQ. Primeiro lugar no Japan Haicai em 2015. Participou de várias revistas literárias e antologias. Seu livro "Distorções" foi publicado em 2015.

*Destemidas unhas cravando a jornada
Na liderança contra os oprimidos
Suor, batalha, conhecimento,
escudos, o visionário objetivo
Lembrados por nações, famílias, gerações*

*A busca pelo pão diário
Audácia da mulher pelos direitos.
Pelas avenidas, tantas Pagus, Joanas D'arc
Annetes Kellerman, Annes Lumpkins
Jeannes Manford, Rosas Parks*

*Na vizinhança, tantos Martins, Mandelas,
Tiradentes, Gandhis e Einstein
Rejeitam a zona confortável,
Cílios vibrando pela aventura
Movimentam-se em travessias,
São corações matando os monstros
Hasteando o símbolo de liberdade das almas em bandeiras
São veias intrépidas diante da aflição
Heroísmo na profundidade de qualquer atribulação*

Resenha Aversa



Antologia "ATL EM VERSO E PROSA!"
organizada por A. Zarfeg

Ano: 2016

Páginas: 75

Autores: Academia Teixeira de Letras (ATL)

Prefácio

Tendo o poeta Castro Alves como patrono-geral, a academia é constituída por 40 cadeiras distribuídas entre os chamados Membros Efetivos, das quais os patronos e patronesses são personalidades já falecidas e com serviços relevantes prestados à região.

Se você toma parte nessa confraria, é porque disse sim à literatura, à arte e às manifestações artísticas e culturais que fazem de nós e da nossa gente especiais. Portanto, orgulhe-se disso. Empenhe-se nisso.

E viva Castro Alves! E viva a ATL!

Autor: A. Zarfeg – poeta e jornalista que ocupa a CADEIRA Nº 1 da ATL. Autor de vários livros em verso e prosa, sendo que, em 2016, completou 25 anos de trajetória literária.

Ao apreciarmos uma antologia poética ou não, os motivos são os mesmos, quais sejam, conhecer um novo autor, procurar por uma leitura mais tranquila e cativante ou mesmo buscar por alguma novidade.

Ao ler a antologia de uma academia de letras, os benefícios e anseios são ainda maiores, pois você é apresentado a novos autores, com suas escritas atípicas e fartas de sensibilidade, proporcionando a você, leitor, conhecimento e prazer em abundância.

Essa é a sensação que se tem ao mergulhar na leitura da coletânea “ATL em verso e prosa!”. Recebi carinhosamente das mãos do poeta, jornalista e presidente Almir Zarfeg. AZ

cuidou também da organização da obra.

A antologia em questão constitui uma mistura de poemas, crônicas, contos e artigos. Enfim, uma escrita para mais de metro e, atenção, em homenagem ao patrono-geral da ATL – a saber – o poeta baiano Castro Alves.

A obra, propriamente dita, se inicia com o poema “Gota d’água”, de Athylla Borborema, seguindo por “A Navalha”, de Cristhiane Ferregutt; “O Leão”, de Celso Kallarrari; “A Drummond de Andrade” e “Conselho”, de Marcus Aurelius Sampaio; “O Circo Nerino”, de Ramiro Guedes; “Verbo” e “O Poeta”, de Castro Rosa; “Anti-Herói” e “Adolia”, de Érico Cavalcan-

ti Ledo; “Partir” e “Urubus”, de Carlos Mensitieri; “A ladeira do Senhor Bispo”, de Fernando Lago; “O Centro Grande” e “A Bênção”, de Jomar Ruas; “Eles Voltaram”, de Edinar Cerqueira; “Ela é dessas”, de Fabiana Pinto; “Reveses da Memória”, de João Rodrigues Pinto; “Será que todas as pessoas são mpas?”, de Gisele Ellen; “A Voz” e “Ah! Se eu pudesse”, de Edla Almeida; “Pauliceia Desvairada” e “Imagem Surda”, de João Carlos de Oliveira; “Meus pais”, de Maria Leôncio; “A Conversão de Paulo de Tarso”, de Rubens Amaral da Silva; “Que Mulher Boa”, de Elias Botelho; “Estado de Alegria”, de Luiz Brandão; “Caminhos” e “Se Eu Pudesse”, de Joselito Souza Leite Júnior; “Um pouco da poesia de Amaro”, de Amaro Sant’Anna; “Meu marido e minha mulher”, de Luiz Carlos de Assis Júnior; “À Imortalidade”, de Ademar Bogo; “Desejo”, de Rubens Floriano; “O idioma que une uma nação politicamente dividida”, de Paulo Américo Barreto da Fonseca.

Encerrando a obra com o escritor convidado, Toni Ramos, que é presidente da Academia Itaunense de Letras (AILE).

Alguns escritores apresentam dois formatos de escrita: poesia e prosa, o que sinaliza o domínio dos autores sobre os dois gêneros textuais. Mas aqueles que se expressam apenas em versos ou em prosa também conseguem conquistar a nossa atenção e, mais, o nosso gosto. Eu, por exemplo, virei fã dos autores contemplados.

O destaque especial vai para o conto “O Leão”, no qual encontramos uma mistura de sentimentos entre o amor e a dor, a dor da perda. Também apreciamos a crônica “O Circo Nerino”, que contempla

tão bem coloquialidade e espontaneidade. “Reveses da memória” é um poema lindo, delicado e profundo:

“
Então pensei nos amigos da minha aldeia.
Não há ninguém.
Todos cresceram, casaram, morreram, desistiram,
Ganharam, perderam
(...)
(p. 37) ”

Outro bem original para qualquer baiano é o poema “Estado de Alegria”, que relata desde a fama de preguiçoso, culinária, até a música, o famoso Axé. E um último destaque para o emocionante poema “Caminhos”.

Como diz o poeta homenageado, Castro Alves: “Bendito aquele que semeia livros e faz o povo pensar!” Bendita ATL, que nos presenteia com essa obra rica de emoções e encantos.

Foto: Kédma Ribeiro



Alguns Membros Efetivos da ATL com a Antologia

Lágrimas, suor e sangue

Restava a Katrine somente uma chance. Um movimento errado e toda sua jornada seria em vão. Em suas mãos, a última flecha era puxada na tensa corda do arco.

Diante da jovem guerreira, um Beholder flutuava lentamente, aproximando-se enquanto exibia a fileira de dentes vorazes. Os dez olhos que saíam de seus tentáculos haviam sido cegados, é verdade. E este feito apenas fora possível graças à união dos amigos de Katrine. Porém eles jaziam assassinados pela aberração. Um a um, haviam caído ao seu redor.

“Todos eles... Se foram... Sequer puderam voltar a ver a luz do sol”

Ela chorou, deu um passo para trás e redirecionou a mira. A corda do arco foi solta, e a seta voou na direção do olho principal do Beholder. Mas ele já esperava por isso, e a quebrou sem muito esforço.

Um grito desesperado saiu da boca da jovem guerreira, e no momento em que ela se ajoelhou ao lado de uma companheira abatida, uma voz falou em sua mente:

“Lembre-se, guerreira. A força maior vem quando menos se espera”

Uma investida da criatura levou Katrine a rolar no chão, se esquivando. Acidentalmente, sua mão esbarrou no cabo de uma espada que repousava ao lado. Instintivamente, ela o agarrou e feriu o olho do Beholder, fazendo-o cair. Enquanto ele agonizava, Katrine deu o último golpe.

Longe dali, aquele que havia pedido o socorro do grupo de guerreiros para salvar o reino das ameaças do continente tomava seu vinho sem saber que uma pequena heroína agora chorava a perda de outros tantos heróis, seus amigos, e que ela voltava para casa com nada além de lágrimas, suor e sangue em sua armadura.

Nantai 13

Dezessete

Lucas Nangi
lucas.nangi@hotmail.com

Mineiro nascido em Uberaba, tem 27 anos e é formado em Direito e História. Possui histórias publicadas em antologias com diversos autores, além de uma coletânea de contos intitulada “Ecos Literários do Fim do Mundo” e uma obra de fantasia épica chamada “Phronus - A Canção da Ruína dos Mundos”. Suas obras estão expostas na página do facebook “Ecos Literários do Fim do Mundo - Lucas Nangi” e no instagram “Lucas Nangi”.

Carolina lembrou-se de quando era criança e um temporal caía sobre o casebre em que morava. Rajadas de vento rugiam. Sons assustadores para a mente infantil faziam-na apertar o próprio corpo nos braços da mãe.

— Nada no mundo vence a natureza — dissera a mãe. — Só podemos tentar sobreviver.

Agora, anos depois, atuando no programa Médicos Sem Fronteiras, no Haiti, a sirene que ecoava na cidade de Jacmel fez seu corpo tremer. Sentiu medo da força insuperável da natureza. Olhou para o corredor do hospital. Enfermeiros, médicos e pacientes como estátuas humanas, boquiabertos.

A médica segurava a respiração. O céu nublado oferecia um tom cinzento à tarde. As pernas de Carolina perderam o equilíbrio quando o chão pulsou e paredes reverberaram. Estilhaços das janelas e lâmpadas voaram pelo corredor. O piso quebrou-se, fazendo com que caísse de costas contra as rachaduras que se abriam e erguiam poeira em meio ao caos.

Clarões a cegaram. Fiações explodiram e, sentindo um frio arrepio na barriga, Carolina percebeu que o chão sumira. Mal ouviu o próprio grito enquanto despencava no andar abaixo.

*

— Carol? — A voz parecia distante, mas Carolina viu a face empoeirada de Alice em frente à sua. — Temos que ir!

Carolina sentiu o corpo estalar enquanto se erguia nos destroços do piso. Sentiu-se sortuda por não ter sido soterrada, apesar de estar repleta de hematomas. As costas latejavam de dor e a cabeça girava. Apoiou-se no braço da amiga para escalar alguns pedregulhos. A parede do hospital desabara, permitindo-a visualizar a rua. Pessoas choravam envoltas pela poeira, carros afundados no chão, casas devastadas.

— Estão evacuando! — falou Alice. — As pessoas escutam no rádio que o terremoto veio do oceano...

Carolina exclamou, entendendo o significado. *Tsunami!*, desesperou-se. Tentou esquecer a dor, pois esta era menor do

que o medo. Teria de encontrar um lugar alto!

Na rua, virou-se e olhou para o hospital. Tendo quatro andares, era o maior da cidade. O setor em que estava no terremoto tinha a parede externa quebrada até o terceiro andar e grandes buracos nas internas revelavam destroços e corpos. *Deve ter mais soterrados*, pensou, triste. O outro lado do hospital parecia menos afetado, com as paredes externas tendo apenas rachaduras. Do terceiro andar saía fumaça.

— Alice, alguém pegou as crianças?

— Pierre e Clarice estavam com elas, mas não há tempo para pensarmos nisso. Na rádio deu previsão de que a onda chegará em trinta minutos! Temos que cor...

A sirene ecoou mais uma vez, calando Alice. Esta começou a chorar e deu as costas, correndo junto às pessoas que fugiam, envoltas em sangue. Carolina sentiu os olhos lacrimejarem. Olhou para frente, vendo os sobreviventes fugindo e virou o rosto para o hospital, observando as janelas do segundo andar. O andar da área pediátrica.

— Alguém as levou. Tenho certeza... — murmurou. *Só podemos tentar sobreviver*, a voz da mãe ecoou. Carolina sabia que cada segundo era um passo mais próximo da morte.

Gritou e, diante do terror que assolava a mente, deixou o coração falar mais alto. Correu em direção ao hospital.

*

As luzes piscavam. A escadaria tinha alguns degraus destruídos, mas Carolina conseguiu saltá-los. Rachaduras vomitavam poeira nas paredes e tetos. Sentiu o ombro bater em algo sólido na parede e gritou de dor, mas não parou para ver o que era.

A sirene ainda martelava quando alcançou o corredor do segundo andar. Soltou um grito choroso ao ver um pé debaixo de uma pilha de concreto. O tênis laranja que despontava dali era de Clarisse, a médica que atendia a área pediátrica junto à Carolina. Esta seguiu em frente, rumo à última porta. Logo que a tentou abrir, sentiu um baque.

— Sou eu, a Carol! — gritou. O pequeno vidro circular que lhe permitiria ver o que havia após a porta estava repleto de sujeira.

Ouviu choros infantis e fez mais força, porém não conseguia abrir a porta. Ouviu algo arrastando e a pressão aliviou,

permitindo que entrasse. O quarto com algumas camas estava repleto de poeira e vidros. Pequenas cabeças de crianças a encararam, com olhos vermelhos e narizes fungando. *Graças a Deus! Estão vivos, obri...*

Seu pensamento foi interrompido ao perceber o que pressionava a porta. Pierre, o enfermeiro, tinha os olhos abertos no rosto morto. Sangue escorria de sua cabeça. Carolina viu pedras empastadas de sangue ao redor dele.

Virou-se para a menina que arrastara o corpo de Pierre. Era uma das mais velhas do grupo e tinha apenas doze anos. Sua face negra estava suja de poeira com olhos brilhantes e atentos.

— Preciso de sua ajuda, Fifi — Carolina teve de gritar para ser escutada acima da sirene. — Pegue lençóis e amarre na cintura dos mais novos. Você vai me ajudar a guiá-los para fora daqui!

Fifi virou-se sem responder e começou a pegar os lençóis das camas. Carol sentiu-se aliviada por ter pensado rápido e ter uma ajuda. *Trabalhamos com o que podemos.*

O desespero a envolveu mais uma vez ao olhar uma das camas. Viu Denes, um garoto de seis anos, cujas pernas foram amputadas após um atropelamento cinco dias antes. Havia uma espécie de arreo de couro ao lado da cama, construído por Pierre e personalizado para que pudesse carregar o garoto nas costas. Porém, em frente à cama de Denes estavam três berços com bebês de poucos meses. *As crianças não podem levar os bebês!*

A verdade a atingiu como uma faca no coração. Carolina viu que Fifi já havia cumprido a tarefa enquanto ela mesma amarrara com lençóis as cinturas das outras crianças. Sentiu náuseas. Aproximou-se de Denes que chorava.

— Eu já volto, Denes! — disse no dialeto crioulo que aprendera no país.

Deu as costas indo aos berços. Sentiu as mãos de Denes tentando puxar seu jaleco e os gritos desesperados do garoto, mas não podia perder tempo. Chamou Fifi e entregou-lhe o bebê mais velho enquanto pegava os outros.

As crianças choravam, Denes gritava, implorando em uma terrível voz estridente, enquanto a sirene continuava sua canção do fim do mundo.

— Eu já volto! — gritou Carolina saindo pela porta. Seu coração nunca estivera tão apertado quanto naquele momento.

*

A médica percebera que não poderia ir pela rua, pois não haveria tempo de fugir do tsunami. Subiram as escadarias. Com dois bebês nos braços, Carolina sentia-se entorpecida e cada passo era um inferno. Usava o lençol amarrado à cintura guiando algumas das crianças, também amarradas. Mesmo que fossem lentas, a médica sentia as pernas se transformando em chumbo e não conseguiria ir mais rápido.

Carolina a todo momento olhava para baixo. Atrás da última criança que guiava, estava Fifi com outras, também amarradas à cintura. Um profundo carinho amaciou o coração de Carolina ao ver que aquela menina estava ali, morrendo de medo, mas ajudando os outros. *Ela é uma heroína e preciso tirar eles daqui.* Pensou se deveria ir atrás da fila, mas tinha medo das crianças caírem em algum buraco à frente.

Por um momento, arrependeu-se de não ter ouvido os pais. Poderia ter montado um consultório após a faculdade de medicina em Portugal. Estaria rica, feliz ao lado do namorado e longe do Haiti. Teria férias e segurança. Uma vida que muitas pessoas sonhariam.

O que estou fazendo nesse inferno?

Os gritos das crianças a acordaram e viu as labaredas que cobriam aquele espaço largo do refeitório. Cadeiras carbonizadas e diversos buracos no chão formavam trilhas estreitas entre o fogo e a destruição. Olhou para as crianças que ainda estavam próximas à escadaria. Não sabia se aquele andar já era seguro contra a tsunami. Queria subir mais, porém a próxima escadaria estava vinte metros à frente, após as chamas.

— Fifi! Espere aqui!

A garota balançou a cabeça em entendimento. Os lábios infantis tremiam e lágrimas varriam sua face suja.

Carolina sentiu as próprias lágrimas e tossiu, sufocada pela fumaça. Dor e medo. Gritou para que as crianças a seguissem, porém muitas delas temiam avançar. Duas abraçaram-lhe a cintura. Com os bebês chorando no braço, a médica bufou. Avançou pelo piso rachado com o bafo quente ao redor. Sentia que rastejava e mal conseguia erguer os pés. Olhou para trás e viu as crianças a seguindo. Algumas de olhos fechados seguravam o lençol, outras a encaravam e as demais pareciam hipnotizadas pelo fogo. *Tão frágeis.*

Carolina resistiu à tentação de sentar-se após sair do salão. Não era hora de descansar, estava quase no fim. Ali havia menos rachaduras e algumas lâmpadas acima piscavam mais forte.

Como se aquela área tivesse sido menos afetada.

Agrupou as crianças nas escadas, sentando-as. Colocou os bebês nos colos de algumas e mandou que esperassem. Três reclamaram, mas ela apenas se virou e voltou ao salão.

Abafou uma exclamação ao ver que Fifi já estava seguindo por entre as labaredas. Aproximou-se da garota quando ouviu o estalo. Rachaduras do teto soltaram parte da fiação que se rompeu, formando uma serpente faiscante. Ela balançou na direção das crianças.

Sem pensar, Carolina ergueu a mão e segurou a parte da fiação que estava encapada. Porém, a ponta desencapada encostou no antebraço da médica que gritou. Uma dor excruciante como se caninos pontiagudos estivessem encravados nos músculos.

A ponta saiu de seu braço, porém ela não largou o fio. Chorando, esperou as crianças passarem antes de soltá-lo. Voltou, trôpega, à escadaria e juntos subiram ao último andar. Ali era um espaço amplo e vazio, no qual seriam construídos leitos para uma área exclusivamente pediátrica, porém a verba nunca chegara.

Olhou ao redor, percebendo que havia algo de errado. Seus ouvidos zumbiam e o corpo estava dolorido, mas foram as vozes das crianças que a fizeram concluir que a sirene parara de ecoar. Olhou para a escadaria e pensou em Denes. Arrependeu-se de deixar a criança lá embaixo, mas não havia alternativa. *Eu não posso... não posso salvá-lo.* Seu peito apertado de tristeza. Os joelhos começaram a se dobrar, entregando-se ao cansaço.

Ele vai morrer sozinho...

*

Ofegante, Carolina abriu a porta e viu que Denes chorava e se arrastava no chão. Sua voz era rouca e os bracinhos trêmulos.

— Eu disse... eu... — desistiu de terminar a frase. Sua voz estava perdida e o fôlego no fim. Gemendo de esforço, ergueu o garoto vendo que ele havia feito xixi na bermuda. Os tocos das pernas balançando. Os braços dele envolveram seu pescoço. Ela conseguiu colocá-lo no arreio que Pierre fizera e, cambaleando, saiu com o garoto nas costas.

O rugido ecoou ao redor e ela viu, pelas janelas, que a rua estava sendo submersa por um rio de barro. Vira um carro sendo arrastado e atingindo uma casa. A água batia nas construções e

se erguia em ondas mais fortes. Carolina saiu do transe de encarar aquilo e correu pelo corredor.

Torrentes de barro destruíram janelas, invadindo o corredor e desequilibrando-a. Gritou ao ver que mais água saía pela porta da escadaria e, sem pensar no que poderia fazer, adentrou o primeiro quarto ao lado. Ouviu estrondos de coisas caindo e o chão tremia cada vez mais. O peso de Denes nas costas tentava levá-la ao chão.

Gritou, fechando a porta atrás de si, empurrando o barro que insistia em empurrar de volta. Estava numa sala repleta de estantes com arquivos. A porta rangeu enquanto Carolina se apoiava numa prateleira, mas os braços não tinham forças para subir.

Em um último estrondo, a porta destroçou-se, junto às paredes e a água invadiu a sala.

*

Um ano depois, Carolina estava sentada no sofá de sua casa, em frente ao namorado que esbravejava.

— Você está louca? Já não basta o que aconteceu no Haiti? — gritou ele, mas ela não prestava atenção.

Lampejos de quando acordara num leito no ano anterior, no Haiti, voltavam à mente. O resgate chegara poucas horas depois e Carolina soubera que todos ficaram assombrados ao verem as crianças vivas. A médica, paralisada no leito, sorria. Conseguia abrir apenas um dos olhos, mas encarou cada uma das dezessete crianças que salvara. Estavam ao redor e sorriam de volta.

— Lá tem gente ajudando! — a voz do namorado a trouxe de volta ao presente.

No Haiti tinha muita gente. Mas ninguém para ajudar as crianças. Dessa vez, não vou ter arrependimentos. Se pudesse, deixaria para outra pessoa este trabalho, mas poderia não haver mais ninguém. E o que isso faz de mim?

Ergueu-se do sofá de casa e pegou a mala. Apalpou o bolso, sentindo o passaporte para Uganda ao lado do crachá de médica.

Heróis do Meu Tempo

Cleonice Flois

cleonice.flois@gmail.com

facebook: /muitzasversoeprosa

medium: @cleonicelopesflois

Professora e
mestranda em

Letras pela
UNIOESTE/PR.

Autora de duas
coletâneas de

poemas com o
coletivo Clube

da Poesia e

com poemas,

contos e crônicas

espalhados

em diversas

coletâneas

Brasil afora.

Respira arte e

literatura na vida

acadêmica e em

todas as esferas,

trabalhando com

a leitura e escrita

de mulheres e

a importância

das mesmas

poderem falar

com suas

próprias vozes.

Desperta o alarme, alarma o cérebro, que num sobressalto põe o corpo pra fora da cama. Veste a roupa, faz o café se lava, se espicha pelo caminho ainda sem luz. Ouve barulhos ainda noturnos na manhã que se demora, cruza o espaço, só com a lanterna e a menina dos olhos. Mal nota o tempo, só percebe que está frio quando adentra o banheiro vazio e liga o chuveiro pra se lavar. É um ritual necessário, lava seca, desinfeta, veste, calça, anda, corre pra não perder o horário. Entra no local iluminado, comprido, cumprindo sua tarefa em meio a cheiros fortes. Passa toda a manhã limpando, zelando, cuidando, tomando conta sem parar nem lanchar nem pensar em ter outra sorte.

Soa o alarme, ronca o estômago avisando da hora do almoço. Corre de volta, anda, descalça, despe, lava, seca, reveste e recalça pra ir para casa comer sem dar gosto. Lá chega, se lava, cozinha, come, arruma e se apronta. Retorna pro eito e tudo de novo é feito e desfeito. Por anos seguidos, a mesma rotina, o mesmo percurso. Se o novo é desafio, desafio maior é o de sempre, novamente, de novo. Como peça de um jogo em que ser peão tem pouco valor, se uniformiza, veste toca, calça bota, faz coleta precisa. É um desajuste, se ajustar a um modelo que não te prioriza, mas não há outro jeito, são tantas Marias que a vida vitimiza.

Ao fim da tarde, termina um trabalho, os outros começam. Há uma casa, um marido e filhos e filhas e coisas à beça. É roupa, é calçado, é comida, é faxina que me perco se conto. Lava enxá-gua seca, estende recolhe, dobra passa, conserta remenda costura, cozinha outra vez, lava e organiza pra manhã estar pronto. Senta um pouco, já levanta, há tanto por fazer que a noite vai indo. É preciso dormir pra logo amanhecer.

E durante a noite não sonha e se sonha não lembra, se lembra não pensa e se pensa não fala. Quando a vida é tão dura sonhar é sofrido e pensar é doído, só sobra tempo pra orar e andar em frente e avante, pois gente que cumpre sua incomensurável

sina, paga o de amanhã com o hoje como a lei dos patrões determina. E como tantas Marias, ela também se aventura nessa independência, cheia de expectativa, porque trabalhar é o que sabe, está na sua essência. E o trabalho esperado não paga o trabalhado, não paga o que é justo, tampouco o que é certo e devido, pois a desigualdade se achega e se entranha tornando mais duro ficar animado.

Assim como a nossa heroína, Pedros e Marias se indignam com o suprimento que não supre nem o começo do mês quiça o restante dele. E o que deveria dignificar o humano ser, o coisifica pois o torna sem sonho, sem ânimo, sem alma. Com o corpo sem forças Maria se deteriora já que não dá conta, da jornada quádrupla que nunca se encerra e que nunca está pronta. E a cobrança daqueles que só falam por ter boca, chega num embalo que nem se pensava quão embalado era. A sociedade do consumo não aceita que algumas Marias e uns tantos Pedros recebam auxílio quando enfrentam empecilhos. O burguês patrão quer tudo debaixo das suas asas, não sabe repartir nem fazer reforma. Sua noção de justiça é desequilibrada e tendenciosa. A balança que ostenta não pesa o mesmo peso para os diferentes e a sua medida é absurda, é caótica, desigual, sonegadora e mentirosa.

Sem conseguir continuar no mesmo ritmo de peça de jogo, se inutiliza por pensar ser inútil no tabuleiro do capital. E sofre, chora, clama, deprime, adoce, mas não morre, pois tudo segue seguindo no ritmo do jogo, do jogo desigual. Eles peregrinam de médico em farmácia, meses, anos, décadas a fio. De exame em cirurgia, de cirurgia em tratamento, ora se conserta ora se desacerta, se não melhora pior logo fica, e se fica pior, a vida fica desdita. Então Pedros e Marias passam por carestias, mas mantêm a fé pois pobre de sina, pode perder tudo, sofrer muita queda, cair muito tombo que cai sempre em pé e de cabeça erguida. Na alongada espera pela aposentadoria ouvem falar que o benefício está raleando por causa de uns tais políticos de terno e de fala bonita em que andaram acreditando. Os danados eram bons, prometiam tudo, tudo o que Marias e Pedros nem sonharam, e eles inflamados torceram tanto, defenderam, votaram, e os ladinos muito desviaram. Só que quem falou dos tais tiranos estava mais sujo que pau de galinheiro, mas a aposentadoria não chegou e agora pras contas do mês Pedros e Marias não tem mais dinheiro.

Para não sucumbir ao mal do século, doença que causa a

tristeza e o tédio, a nossa Maria começa a tomar um extra e aumenta assim sua lista de remédios. Além das inúmeras outras alternativas, faz fisioterapia, hidroterapia e hidroginástica, e quando cansa de tanta terapêutica espera descansar para começar tudo de novo, pois essa é sua única possível escolha. Eta vida sarcástica! E porque continuar é o que se tem para o dia, vai levando a vida cozendo e cosendo pra tampar os buracos que estão descobertos deixando à mostra os esbofados remendos.

E nosso Pedro, assim como tantos outros, planta a terra, que ele cuida com tanto cuidado. Cuidado que ele gostaria que tivessem com ele. Carpe, aduba, rega, poda, colhe, replanta, esterca, rega, poda, colhe, tudo outra vez. A lida com a terra não é injusta, mesmo que a chuva seja muita ou escassa, ou que o sol seja inclemente, apesar de tantos pesares, Pedro pensa que a terra é a única que cuida da gente. Um dia seremos plantados seguros no chão, como as sementes que Pedro coloca na cova que faz, para a planta nascer e matar a fome voraz. Um dia Pedro e Maria retornam para seus mundos além deste, porque viver nesse planeta é tarefa que cansa até mesmo os heróis mais destemidos. A vida de heróis como Pedro e Maria exige muita coragem. A luta do dia a dia é mais vilã que muita luta travada contra os vilões da ficção. O equilíbrio no fino fio das necessidades humanas é o desafio mais difícil para os heróis do meu tempo.

Liberdade, Liberdade

Frank tinha seus 17 quando tudo mudou. O rádio berrando sobre rebeldes que lutavam contra a sangrenta ditadura; os discursos dos líderes carismáticos lhe transbordavam a alma. Idealista e romântico destoava um bocado daquele grupo armado. Seus cabelos loiros cobriam os profundos olhos verdes e a pele bronzeada revelava os contornos dos músculos. Certamente não se assemelhava àqueles esgrouvinhados barbudos sujos metidos no meio da mata. Lá foi ele despedindo-se da mãe; os olhos lacrimejavam frente a teimosia característica do filho.

Pelas ruas esbarrou com o antigo professor. “Sei bem aonde vais, pobre alma de rapaz. Buscas, eu sei, afoito, a tão sonhada liberdade. Mas seria ela, vindo de quem vem uma maré de verdade?” Frank revirava os olhos; odiava o tom poético que Santiago destinava aos alunos. Ignorou o velho professor e seguiu murmurando pelas costas.

Por meses ele vestiu a farda puída e o boné de pano. Tiros, bombas, prisões, ferimentos e disciplina. A floresta cuspiu balas sobre os soldados legalistas e os rebeldes avançavam cidade por cidade, expulsando as tropas e garimpando a simpatia do povo. “Liberdade!” gritavam todos; a matriz, a luz! Frank subiu rápido na mambembe e amadora hierarquia rebelde. Tomou para si o comando de um punhado de colegas maltrapilhos.

Três anos; como água numa torneira aberta. Colecionava vitórias. Dezembro. A vitória final se aproximava! O chefe do governo abandonou seu posto e fugiu. Os rebeldes triunfaram! Frank entrou na capital com seus homens e de cima de um jipe foi saudado. A liberdade que tanto sonhara havia chegado.

Semanas depois, os líderes da revolução se reuniram e anunciaram suas diretrizes. Frank figurava no palanque. Bem sabia que a festa logo daria lugar ao trabalho; muito ainda havia por ser feito.

Vitor Luiz Leite
vitor.educ@gmail.com

Professor de História no Centro Educacional Paula Lima, autor do Livro “Bodas de Salgueiro - Contos da Geração de Concreto”, participante da Antologia Poética 2017 da editora Vivara, colunista do jornal “O Portal” e escritor exclusivo da editora Illuminare.

Cão de guerra, o líder máximo lhe deu a primeira missão no novo governo; “Liberdade!” ele lhe dizia, “Em seu nome, tudo necessário a se fazer será feito!” Logo a beleza do rosto cáldo e angelical, deu lugar a seriedade do homem valente. “Ainda existem inimigos!” As palavras eram como ordens vindas de Deus. Imediatamente ele juntou seus homens.

A casa na rua de pedra pertencia a um antigo membro da governança local; figura suína aos olhos revolucionários. O gordo funcionário fumava um charuto e mostrava os dentes, quando quinze soldados irromperam. “Está preso em nome da revolução!”, disse ele apontando a pistola na direção do bonachão. “E sob qual acusação?” questionou. “Você é um inimigo do povo. Prendam-no!” ordenou. Seguraram-no. Antes de sair ele se virou, sorriu e disse: “Maldito seja teu nome, ‘liberdade e revolução!’”. A dolorosa coronhada o calou. Uma varredura na casa encontrou documentos que foram encaixotados e ouro, que foi impedido de ser furtado por uma reprimenda de Frank.

Lá fora escutava os relatórios, quando viu sair da casa, a filha adolescente do funcionário. No auge da beleza, viu os soldados revistando-a de modo inapropriado. Nova reprimenda.

De volta ao complexo conhecido como “A Cabana”, foi-lhe entregue a papelada vinda do Q.G. Páginas infinitas listavam quem deveriam ser fuzilado por atividade contrarrevolucionária. “Esses homens já foram julgados sargento?” perguntou um tanto curioso pela enorme quantidade de nomes. “Não sei lhe responder capitão!” retrucou e seguiu “Necessito de seu endossamento para concluir!” Para Frank, matar o inimigo não era problema; a guerra cobra seu preço. Contudo, em tempos de pacificação, o devido processo legal era indispensável. Pensava consigo analisando a lista; soldado, político, guarda de prisão, padeiro, mecânico, vendedor, operário, professor. Não era possível que todas essas pessoas estivessem envolvidas com o antigo governo. Se assim fosse, o trabalho teria sido infinitamente mais difícil.

O capitão pediu que aguardasse seu retorno. Em passos firmes ele seguiu até o escritório central, sabendo que lá encontraria um ministro. Ainda sujo e barbado, ele fincara seu traseiro na confortável poltrona do gabinete central. De pés descalços sobre a mesa, degustava um charuto e uma dose de rum. Frank bateu e entrou. Saudou o jovem ministro que curiosamente só era vista em campo, após os embates mais

perigosos.

Convidado a sentar ele questionou: “Há um pequeno problema com as listas senhor ministro. Existem muitos nomes aqui...” Folheando. “Qual o problema dela Capitão?” Ele observava o chefe com espanto. “Senhor, além dos soldados fiéis ao governo e outros tantos que se beneficiaram, existem outros que, acredito eu, não tenham participação... questionei o sargento sobre os julgamentos e ele não pode me confirmar...” O ministro observou. Seus olhos diminuíram como os de um gato. “Julgamentos...? Para enviar homens ao fuzilamento, a prova judicial é desnecessária, capitão. Um mero detalhe burguês arcaico. Esta é uma revolução!”

As palavras espancaram seu estômago. “Arbitrariamente nós enviaremos qualquer um à morte senhor ministro?” questionou novamente. O ministro desceu os pés da mesa e fitou o jovem oficial. “Nós somos a revolução capitão! Qualquer um que tenha proferido sequer uma solitária palavra de bom grado sobre o antigo governo, deve ser imediatamente fuzilado!” Advertiu sobre o prosseguimento dos fuzilamentos, em imediato, sob pena de corte marcial por desobediência. Frank pediu licença e se retirou. O caminho mais longo e torturante de sua vida foi o corredor que levava de volta a sua sala. Do lado de fora, o sargento ainda esperava seu retorno. Balançou, mas sacou a caneta e assinou os papéis. Horas depois as saraivadas iniciaram e por cinco horas ininterruptas, tiros, gritos e risadas foram ouvidos. Sentado, ele tentava ensurdecer-se com litros de rum.

Condenar aquelas centenas de homens à morte, fez com que o fiel capitão Frank olhasse a revolução com outros olhos. As prisões arbitrárias de pessoas do próprio povo sem qualquer acusação sólida passaram a ser notadas. A população agora não necessitava mais se preocupar com comida ou bens. O primeiro era dado em carnês de racionamento, o segundo, não mais lhes pertenciam após a abolição da propriedade privada. Nos meses que se seguiram, a imprensa foi fechada e as metralhadoras matraquearam noite após noite. Mais uma vez questionando o ministro sobre os problemas enfrentados pelo povo relacionados ao abastecimento, teve como resposta fria e embriagada “A comida é uma arma capitão! Ela mantém o povo unido em nome da revolução”. Tudo aquilo se convertia em um macabro exercício de tortura ao povo faminto. “Liberdade! Liberdade!” ainda era berrado em uníssonos, contudo, sem o

sentido de outrora. Grupos de resistentes começaram a se organizar e mais listas se acumulavam. A cobrança pela eficiência na administração das execuções era diária.

Cada vez mais pessoas iam presas ou mortas. Para um idealista romântico como Frank, ver o povo que ele ajudou a libertar, caindo numa armadilha, era demais. As pessoas se acotovelavam quando os caminhões distribuidores chegavam. As mulheres carregando filhos pequenos eram jogadas ao chão pelos soldados e tiros eram disparados para cima na tentativa de conter a massa faminta e mais empobrecida do que nunca; se o pobre nada tem, dele tudo se pode tirar.

Numa das listas reconheceu um nome “Santiago – Professor”. Detido por saquear um carregamento de galões de água, ele esperava a execução numa cela imunda e apertada. Atravessando a base, chegou até o subsolo e dispensou o guarda. Onde centenas apinhavam-se esperando a morte ele parou. “Santiago!” berrou entre as grades. “Santiago!”, levantavam-se alguns desconhecidos. “Santiago!” o sujeito de óculos rachados, magricelo e careca o reconheceu. Letrado e reconhecido internacionalmente como um intelectual, agora jogado entre homens e excrementos por roubar água. Eles apenas se olharam e nada disseram. Frank sabia que nada poderia ser feito. Marcado pelos chefes da revolução, sua confiança já não era a de antes. Sabia bem que se algo dissesse nada mudaria além de mais uma execução naquele dia.

Santiago olhou seu pupilo com um olhar piedoso e fraterno. Seu rosto coberto de hematomas dificultava sua fala. Mesmo assim ele se aproximou. Cambaleante e com a voz franca, quase sussurrou: “Eles queriam a minha confissão e obediente eu disse não. Eu apenas pretendia satisfazer a minha febre de pão. Feliz com cristo eu marcharei rumo ao calvário. De um mestre que te ensinou sobre ser livre, faz-me este último agrado. Crava-me o peito com tuas balas e somente as tuas. Aqui dentro...” disse apontando para própria cabeça, “... sou mais livre que tu, andando pelas ruas”. Lágrima tímida rolou pela bochecha. Dissimulando e gritando já com os olhos secos, chamou o guarda. “Obrigado!” disse o prisioneiro. Ordenou “Este eu executarei pessoalmente!” E assim foi feito. O velho professor marchando para a morte com um rosário em mãos, ainda lhe ensinava coisas como nos tempos de escola. Antes que os prisioneiros fossem enfileirados, ele se posicionou e mirou a pistola. Santiago sorriu

e seus lábios agradeceram em silêncio mais uma vez. Atirou de olhos fechados e saiu sem olhar para frente, quando o corpo encontrou o chão.

De volta ao seu gabinete, Frank esperou e esperou. Os incessantes tiros e a infinita dor. A noite caía e com ela, os soldados comiam, bebiam e descansavam. Abrindo seu armário, o capitão Frank, de fuzil, repensava. Desceu até o paiol e ordenou ao vigilante, que carregasse o carro com armas e muita munição. O Sentinela desconfiado pediu a autorização. Pobre ele que lá estava, foi crivado de balas antes mesmo que abrisse o portão. Ele mesmo se deu ao trabalho e descendo as escadas, mais um punhado de soldados. Metralhou todos sem titubear. Ao volante sentou-se e zarpou para algum lugar. Na estrada, ao longe, atrás de si vinham patrulhas. Despistando os veículos, ele rumou às alturas. De volta onde tudo começara, ele reuniu o povo novamente, e aos berros dizia: “Liberdade! Liberdade me alimente!”

Marcado estava pelos outrora chefes da tribo. Prometeu a si mesmo “Nunca me pegarão vivo!” Por meses e meses, o traidor dos traidores, atentava sorrateiro. Entre ruas e vielas, Frank sabotava o governo. O bando cresceu e assassino de assassinos ele se tornou. De carro, barco ou a pé, com arma ou sem, o capitão não se acovardou. Mancha contumaz na sacrossanta imagem da revolução. O povo faminto já lhe dava atenção. Débil vermelho de capuz na cabeça. Tiros e fogo na muralha da alteza. Afogado em ira o algoz não mais ria. “Tragam-me vivo o capataz da patifaria”. Sabias bem que vencer não poderia, mas quem sabe assim, o mundo atentasse à sua gritaria. “Liberdade! Liberdade!” era o que tanto sonhara. Os cães sujos e depravados foi o que na capital colocara. Capitão Frank lustrava as botas com o couro dos saqueadores de almas. Dos famintos que ele esfomeou, recebeu de volta sangue e amor. Passo a passo eles adentravam nas ruínas do velho clamor. “Liberdade! Liberdade!” era o que eles exigiam em troca de sua dor. O traidor agora deixava os chefes cansados. Semana após semana, brincavam o gato e o rato. No esconderijo, ele os viu chegar ao escuro, dez para cada dois, ele sorriu e pulou o muro. Dezessete rajadas furaram as pernas e a mão. Caindo contorcido, ele espumava de raiva enquanto apagava no chão. Desperto, ele seria o exemplo. De muletas desceu, amaldiçoando aos tropeços. Derrubado foi por um risonho ex-companheiro, antes de ser levantado, acertou-

lhe um soco certeiro. Correndo para apaziguar, o outro veio disposto. De muleta na mão boa, ao caído, esmagou lhe o rosto.

O comandante observava a cena sem nada dizer. A coragem do capitão lhe fazia tremer. Amarrado ao velho poste sujo de sangue e miolos, Frank tinha em seus pés, dezenas de corpos. Hesitantes e confusos os algozes se intimidavam. Preparados sob as ordens, os soldados não atiravam. O jovem capitão juntou forças e ignorou a única perna, que coberta de pus gangrenava. Olhou para cada um e assim ele berrava. “Atirem aqui...”, abrindo a camisa, ele exigia, “... como um homem eu morro, ainda lutando contra a tirania! Tuas balas não de me calar, mas o meu espírito não mais se ajoelhará. Ao inferno com vós animais imundos, até mesmo lá, minha carcaça podre buscará triunfo!” O comandante gritou aos homens amaldiçoados pelo tempo. “Fogo!”, caíram mortos... as flores e o vento.

Meu protetor o Ursinho

A hora de dormir era sombria. Para as crianças, significava o fim das diversões do dia e ter que aguardar infinitas horas até a manhã seguinte para continuarem a brincar, porém esse inocente aborrecimento não existia para seus companheiros mais próximos.

Desde que nos entendemos por gente nos lembramos de dormir junto dos nossos bichinhos de pelúcia. Uma grande maioria com ursinhos. Nós não nos sentíamos seguros sozinhos, aqueles bichinhos nos protegiam e velavam nossos sonhos. Quando uma criança perde sua pelúcia favorita, não é a toa que ela não consegue dormir direito.

Se os adultos soubessem de tudo que ocorre durante a noite, entupiriam os quartos de seus filhos com todos os bichinhos que o dinheiro poderia pagar, mas se eles soubessem então não seriam adultos.

Era a primeira vez em três dias que Carlos não estava com medo de ir dormir; agora que Sr. Cosquinhas terminou de secar no varal poderia dormir com ele novamente. O menino teve muitos pesadelos neste período, e esse fato se evidenciava nas enormes olheiras que ostentava, mas agora isso acabaria.

A felicidade estava totalmente estampada em seu rosto quando sua mãe lhe entregou o Sr. Cosquinhas quando ia dormir. Abraçou o ursinho com toda a força que pôde e nem tentou barganhar alguns minutos extras antes de ir dormir. A doce pelúcia, verde com a barriguinha branca e um doce sorriso, foi ternamente colocada em seu lugar de honra na cama, bem ao lado de Carlos, que dormiu com um sorriso na face.

“Quem diria que ele ficaria tão feliz só por ter seu bichinho de volta.” o pai comentou baixinho enquanto o casal observava da porta o filho dormindo tranquilamente “Talvez nós deveríamos colocar ele pra lavar mais vezes.”

Giovanna Tenório
naruhina2012@gmail.com

“Meu nome é Giovanna, tenho 16 anos e estou no 3º ano do Ensino Médio. Desde que aprendi a ler, sempre estou segurando um livro ou revistinha. Meu prazer sempre esteve em toda a forma de ficção, seja em livros, filmes ou teatro. Quando não estou escrevendo, posso ser facilmente achada revirando a internet atrás de fanfics ou na leitura ou releitura de um bom livro.”

“Não diga algo assim nem brincando!” repreendeu a mulher “Carlos ficou num estado horrível durante esse tempo, e eu não quero vê-lo assim nunca mais!”

E assim os dois saíram do quarto, e em meio a sua discussão aos sussurros, nem perceberam o rosto do garoto se torcendo em uma leve careta durante o sono, apertando seu companheiro mais ainda.

Aqueles três dias permitiram que o Papão avança-se demais, faltava menos da metade do caminho para ele chegar até o Centro. Sr. Cosquinhas não podia permitir, jamais isso aconteceria enquanto ele existisse.

“E o que poderia um ser minúsculo, ferido e com um nome tão ridículo como Sr. Cosquinhas fazer contra mim?”, aquela voz asquerosamente grotesca pergunta das sombras, olhando-o com seus olhos amarelos maliciosos.

Sr. Cosquinhas tentava se manter de pé. O corte que tinha adquirido na máquina de lavar se ampliou no meio do combate e se transformou em um grande ferimento. Sua espuma não conseguia se manter dentro de seu corpo, e a madrugada ainda não tinha acabado.

“É impressionante como as Pelúcias podem ser tão patéticas. Anos e anos de sofrimento, noite após noite, e para quê? Por uma criança, uma estúpida criança que irá crescer, se cansar de você e jogá-lo em alguma lixeira, ao lado de excremento e ratos.”, a criatura prosseguiu, avançando lentamente para frente. **“Será que é apenas a estupidez que os fazem continuar, ou será que também há um desejo masoquista natural em vocês?”**

O ursinho se sentia pior a cada palavra do monstro, e tentava o máximo possível pensar em coisas felizes. Era assim que um Bicho-Papão se fortalecia; não importava se estivesse perdendo a batalha, se a criatura pudesse fazê-lo duvidar de sua missão ele poderia derrotar o Guardiã e apossar-se do Centro – a essência das pessoas, o que as torna seres individuais e únicos, com vontade própria e sentimentos. As crianças eram desprotegidas demais, então os Papões sempre invadiam seus sonhos na intenção de devorar seus Centros. As Pelúcias eram os Guardiões, seu dever era proteger sua criança durante a noite, impedindo um Papão de se aproximar do Centro.

A dor espalhou-se pelo seu coração ao imaginar Carlos, perdido nas trevas, afundado na ignorância, na indiferença, na

malícia.

“Você vê, não é?”, torna a perguntar, rindo histericamente. **“Vê o futuro de toda a criança. Tornar-se um adulto corrompido e miserável, esse é o destino da humanidade, e não há como mudar isso.”**

“Você está enganado.”, respondeu fracamente, segurando sua pequena espada enquanto lutava para se levantar. “Esse não é o destino das pessoas, não existe destino pré-determinado. As pessoas se moldam desde pequenas, e quando chegam à fase adulta elas são o fruto de sua infância.”

Quando pôde se manter em pé, segurou sua arma firmemente e avançou com coragem até seu inimigo, sua voz baixa, porém confiante e imponente:

“Eu não ligo para o meu nome ser Sr. Cosquinhas, pois esse nome me foi dado por Carlos, e basta isso para eu amar meu nome.”, avançou até chegar a centímetros de distância do monstro, encarando-o nos olhos. “Eu sei que chegará o dia em que ele irá se desfazer de mim, mas isso não importa. Não ligo para o que será de mim, se vou para um porão ou um lixão. Só de ver minha criança rindo e sorrindo todos os dias e poder ser feliz ao lado dela, todo o sofrimento terá valido a pena.”

O ódio brotou com mais fúria do que nunca nos olhos do Papão, que rugiu enfurecido antes de atacar Sr. Cosquinhas com sua bocarra escancarada exibindo uma fileira de dentes afiados e uma mandíbula poderosa.

Ao contrário de qualquer outra noite, o Guardiã não se esquivou ou contra-atacou. Com seu ferimento isso seria apenas perda de tempo, então apenas encarou a Morte enquanto ela vinha, e a última coisa que ouviu-se dizer dele foi:

“Já amanheceu, tolinho.”

Os pais de Carlos foram acordados bem cedo devido ao berro estridente do filho. Correram para o quarto do menino e encontraram-no revirando cada canto do cômodo, em uma busca desesperada pelo Sr. Cosquinhas. Na cama havia apenas um monte de espuma fofa e macia.

O ursinho nunca mais foi visto. Carlos ganhou um novo, que no princípio se recusou a aceitar, até os pesadelos voltaram e correr para abraçar o novo bichinho durante a noite. O ursinho, de uma suave cor creme, foi batizado de SquikSquik e virou o

novo brinquedo favorito da criança.

Como manda a tradição SquikSquik orava todas as noites, antes de dormir, em memória de seus antecessores, Sr. Cosquinhas, Jumbinho e três bichinhos não-nomeados antes deles. Agradeceu pelo seu trabalho e jurou novamente proteger Carlos com sua vida, assim como eles haviam o feito.

Enquanto observava Carlos tomar seu copo de leite antes de apagar as luzes, viu como eles estavam certos: não importava seu destino, não importava que seria esquecido, não importava que ninguém jamais saberia dos heróis secretos que velam pelas crianças durante o sono, só o que importava era proteger aquela inocente felicidade, ficar ao seu lado até que não seja mais necessário.

SquikSquik aproveitaria cada dia, cada minuto com Carlos. Agora que finalmente pertencia a uma criança, se perguntava frequentemente como pudera passar tanto tempo em uma prateleira de loja sem enlouquecer; um tempo antes de Carlos parecia não existir mais.

O garoto se aconchegou na cama, e seu Guardião se preparou para executar o seu dever.

O Gol que Jamais Vi

Desde criança aprendi que a nossa seleção é a melhor do mundo. Que as outras todas tremiam frente a ela. Isto me enchia de orgulho! Sempre e sempre. Papai dela falava, bem contente, e animado como fosse um convocado! Mas nunca viu a taça de pertinho... Ah e nem sequer gandula foi! Mas vibrava muito a cada gol. Mamãe chorava... Mais até que ao fim d'uma novela. E alguns até berravam palavrões! Que eu só pude entender anos mais tarde... Meus tios, tias, vizinhos, primos, e até mesmo o vovô e a vovó! E o vô cismou em esbravejar: e deu um berro a saltar cadeira afora.

Não sei bem se o árbitro o ouviu, e nem se a mãe dele se importava, mas o vô Armando, – pobrezinho –, deu um mau jeito na coluna e lançou longe a dentadura... — “Perereca voa, vô Armando!” – disse a vó. E eu, após rir muito, emocionado, – vestido com a minha “9” –, assim também. Mas mamãe não me deixava xingar não! Mas eu chorava... E não sabia bem por que. E mais ainda eu chorei quando vi a seleção ser derrotada... Fiquei triste como quem perde um amigo. Até a taça pareceu perder a cor, o brilho, a alegria... E nada mais me importava. Nada mesmo! Era um “Deus no céu e a seleção aqui na terra” – o meu mundo! E lá se ia o meu sonho, minha nação...

Joguei num canto a minha “9” e nem queria mais brincar. Perdi a fome. Já então chorava envergonhado do meu choro, senão num canto escondido, no meu quarto, amparado ao colo e aos afagos de alguém. Mamãe se antecipava a me afagar. Papai acarinhava a minha nuca. Vovó me fazia cafunés. Vovô, acabrunhado, a olhar pro nada, – consolando a sua tristeza na bengala –, mascava na varanda a “perereca”; sozinho, triste e enfezado. Depois de xingar a “Deus e o mundo”, ficou mudo, sem palavras... E eu suspirava e soluçava, procurando secar logo cada lágrima, e antes que molhassem o meu rosto. Chorava “feito u’a mocinha”, e tinha vergonha. Daí então, papai, a custo,

Fred Rocha
fred.rummer@hotmail.com

“De São Gonçalo – RJ. Sou particularmente inspirado pela literatura clássica. Escrevi um romance de ficção científica, uma coletânea de sonetos, um livro de contos e um romance juvenil (dentre outros projetos literários). Tenho alguns textos publicados em blogs literários, como no conceituado Literatura sem fronteiras e na revista literária Subversa (até então sob o pseudônimo Rocha Oliveira).”

– e sem querer –, me ensinou que um homem também chora... E nada disse sobre isso, – nada, nada –, apenas fez chorar ele também. E eu, surpreendido e espantado, estanquei no seu chorar as minhas lágrimas.

Ah e este ano tudo se repete! Mas com a promessa, a esperança, de segurar de novo aquela taça – aquela bela taça reluzente! Vestimos casa, rua e a nós de verde, azul e amarelo. Mas uma coisa em muito me entristece: é que há pouco tempo descobri que muita maldade e injustiça foi feita já por esta mesma taça: mentiras, morte, abandono, agressão; falta de lar, saúde, educação – nosso futuro... Eu que nasci no dia 31 de junho, naquele alegre ano, em 2002, – a emoção me fez nascer bem mais depressa –, espero ver o gol que jamais vi: o da justiça pelo Bem do meu país.

Meu nome é Ronaldo T. dos Santos. E assim me batizaram os meus pais, em homenagem ao herói da minha “9”. Mas hoje o meu pai é o meu herói, e só minha mãe é quem “lava as minhas camisas”...

O Sótão Obscuro

Na casa pequena, o sótão abrigava demônios – Dizia Engrácia – com seu tom abafado. Enquanto a mulher em sua sala aconchegante se ocupava dos afazeres diversos, os demônios sacudiam os móveis e espalhavam todo o pó que um sótão é capaz de acumular. Dos trastes saíam animais peçonhentos, desconhecidos da cultura daquela região. Ocupavam-se em fazer barulho no mesmo instante em que a mulher soprava as incertezas, as dores e os desafetos.

Arranhando lembranças desagradáveis, imaginava que aquele barulho tratava-se de homens e mulheres que a jogaram fora um dia; Que não a desejaram em suas casas; Que mais tarde a relegaram numa ala psiquiátrica e a atiraram na rua para a mendicância.

Os demônios eram conhecidos da mulher que passava o dia soprando as dores de quem a aguardava na rua, nos manicômios, na lama, na poça de sangue, nas perdas, na guerra, na cama.

Inconformados com sua insistência em soprar, os seres ameaçadores persistiam com seu barulho para distraí-la e desconcentrá-la de seus alvos principais. Utilizavam-se então de uma pequena fresta por onde, generosamente, o sol deixava um fio de luz passar, a fim de observarem a mulher em sua sala. Não viam tudo, porém, uma vez que a fenda que o tempo produziu na parede era muito estreita, e apenas davam conta de enxergar metade da sala, metade do sopro, metade de toda a energia sobrenatural. Também apenas conseguiam ver parte de sua pobreza, de suas dores, de sua mágoa.

Engrácia, a cada sopro, transformava-se em fonte de luz, mas nos arredores só a conheciam como feiticeira. Não desistia, todavia, de soprar em toda e qualquer direção. Ouvia o barulho, às vezes intenso, que os demônios faziam no sótão e entre um sopro e outro estava decidida a não perdoá-los por tal atitude. Afinal, não cabia a ela perdoar, mas somente soprar.

Naquele dia mais alucinante, resmungou noite adentro sobre seus dissabores e desentendimentos, e só dormiu depois

Maria Rosa Coutinho

mariarosacoutinho

@yahoo.com.br

É natural de

Joinville; Mestre

em Ciências

Sociais pela

UFSCar – SP;

Participa da

Confraria de

Escritores

há 5 anos; É

membro titular

do Conselho

Municipal

de Políticas

Culturais; É

colunista na

revista Dom7 de

Jaraguá do Sul -

SC e Administra

a loja virtual

Observatório

Literário onde

comercializa

livros de

escritores

joinvilenses.

que o galo cantou pela segunda vez. Abençoava e maldizia, sem paciência para a reflexão. Seus olhos esbugalhados revelavam uma mente inquieta que não acompanhava de fato os acontecimentos a sua volta.

Na chegada da lua, em qualquer fase, aguardava seu brilho no quintal da casa, um tanto acanhado, mas suficiente para a magia de seus sopros. Ordenava aos céus que a protegessem e esticando seus lábios soprava insistentemente para o alto. Desejava escorraçar o desespero e todos os demônios. Estes a enfraqueciam e absorviam sua paz.

Quando o sol a cortejava, sua harmonia interior parecia voltar e com ela a lida diária, o cultivo das plantas, a roçada e os afagos nas aves domésticas. Os demônios tentavam persuadi-la, sem resultado, e por horas a fio movimentava-se num espaço só dela, inimaginável para outro ser vivente.

A mulher franzina e poderosa alcançava as bênçãos e transformava o universo, de qualquer canto de sua casa. Conquistou troféus, alimentou meio mundo, libertou escravos e curou centenas de enfermos. Não ressuscitou seu filho que morrera criança. Engrácia carregava a dor da perda aliviada somente pelos seus sopros. Poucos a conheciam. Além de sua gente e dos médicos, apenas os demônios do sótão.

O Terror de Olhos Amarelos

No interior da taverna, cantigas e festas tocavam de forma animada, bêbados dançavam e cantavam abraçados com suas canecas de bebidas nas mãos, enquanto os músicos faziam soar as notas de seus instrumentos, elevando a energia do lugar. No balcão, o atendente servia um grupo de moribundos quando a porta se abre com um baque estrondoso, revelando a chuva do lado de fora e a face de um homem perplexo, com o corpo e os cabelos molhados, tomado pelo medo e as calças encharcadas pela urina, ele deu dois passos bambos e caiu com a face nas tábuas do piso, fazendo o lugar silenciar, todos os homens reuniam-se ao redor do pobre. Assustados, o colocaram sentado na banquetta do balcão, onde o atendente lhe serviu um copo de água tirada da bica.

– Isaac, o que houve?! Você está pálido... – perguntava o barman deixando de lado o pano de pratos. – Chorando, o amedrontado rapaz balbuciava, em uma tentativa vã de relatar algo. – Fale logo pelo amor de Deus! – Ele dava-lhe um tapa forte no rosto, livrando o amigo das palavras presas em sua garganta.

– U-Uma criatura maligna... olhos amarelos... ela roubou a alma de Joseph enquanto vínhamos para cá... eu vi, com meus próprios olhos! – Ele tremia engolindo metade do copo de água em uma única vez.

– Não consigo acreditar... beryus por aqui... – eu intrometia-me no papo, atravessando entre a multidão e apoiando-me em seus ombros, enquanto sentava na banquetta ao seu lado. – Eu os persegui por todos os cantos do continente, mas, jamais esperaria que aparecessem aqui! – Bradava esmurrando o balcão, sentia raiva de mim mesmo por não ter notado antes.

– Karmago, eu os vi com estes olhos... – ele tocava as olheiras com os dedos – avistei o grande grupo e no meio deles, a coisa de olhos amarelos saía das sombras... – ele levava as mãos à cabeça, como se estivesse perturbado – eles nos perseguiram,

Isabel K. Sparks
isabelsparks.book@gmail.com

Curitiba, escritora dos gêneros de terror, fantasia e romance policial, começou a escrever aos 16 anos em plataformas digitais, aos 20 foi vencedora do desafio para a Antologia Pronta para o Romance da Editora Sekhmet com o conto A Procura do Amor, no mesmo ano, foi selecionada para a Antologia A Arte do Terror - Vol. 4, onde publicou os contos Gringer e A Proposta.

Karmago! – Isaac segurava-me pelas vestes. – Eu vi momento em que eles o pegaram, o dilacerando enquanto o ser de olhos amarelos sugava a sua alma... – eu queria ter o ajudado, mas não contive o meu instinto de correr... – Isaac caía em prantos.

– Acalme-se, homem! – Eu dizia. – Nos últimos anos eu revirei o país em busca destes seres imundos e apocalípticos... enfim, terei a chance de matá-los! – Eu sentia-me fechando os punhos com força. – Onde eles estavam quando tudo aconteceu?

– P-Pouco antes da ponte... – ele observava-me checar as armas. – O-O que vai fazer?

– Matar aqueles cretinos! – Respondia de modo ríspido.

– Ei, Karmago, espere! – Eu virava-me para o barman. – Eu vou contigo, ele tomou um de meus clientes, vou tomar-lhe a vida!

– Willy, isso não é uma brincadeira... eles mataram a minha família, dizimaram a minha cidade natal e tudo que pude fazer foi lutar por minha vida, ganhando essa cicatriz no olho esquerdo... cuide do balcão. – Eu marchava pela porta aberta, sentindo o vento em meus cabelos, a chuva molhava-me as vestes e os raios clareavam os céus, revelando uma matilha camuflada nas árvores e arbustos ao redor, escondidos pela noite, era como se visse aquela cena da lembrança começar outra vez, porém, desta, eu não tinha mais o que perder. – A quanto tempo? – Perguntei repleto de sarcasmo. – Mostrem-se! Eu já sei que vocês, imundos, o seguiram até aqui...

Uma série de animais surgia da escuridão, seus pelos ouriçavam-se devagar, enquanto rosnavam de modo alto, os seus esqueletos eram expostos pela pele fina e deles, o líquido tóxico e amarelado escorria, apodrecendo tudo onde tocavam. – Façam barricadas nas portas! – Eu gritava para os homens dentro do bar, enquanto as feras faziam barulhos medonhos de ossos sendo quebrados e dobrando de tamanho, enquanto eu sacava a minha espada.

Eles avançaram sobre mim enquanto cortava no ar meia dezena de lobos espirrando fluído amarelo por todas as partes, eles continuaram atacando, enquanto eu girava matando um a um, até que oito olhos amarelos abriram-se no meio da escuridão, todos os lobos mostraram respeito diante do alpha que surgia, mostrando os dentes da mesma cor, enquanto sua baba escorria pelos cantos, apodrecendo a terra, por onde as gotas tocavam.

Sentia meu corpo tremer como no dia em que o vi pela primeira vez, ele dilacerava minha esposa, ao lado do corpo da filha e eu não consegui mover-me de tanto medo. Lágrimas escorreram de meus olhos e meus músculos se encheram de tensão, segurando ainda mais firme no cabo da espada, como se estivesse petrificado, nem mesmo notei quando boa parte da matilha saltou sobre mim, derrubando-me na poça de lama, enquanto chacoalhavam meus membros na intenção de rasgá-los, sentia os gritos de desespero brotando em minha garganta, mas, não possuía muito mais do que esta ação, já que a imagem dele ainda estava presa em minha mente.

Com um estrondo alto toda a atenção deles foi desviada de mim, quando virei meu pescoço para olhar para a lateral, deparei-me com o barman do lado de fora, em suas mãos a espingarda apontava para o líder, enquanto os homens espiavam pelas janelas e outros permaneciam na porta, hesitantes em sair. Não tive tempo para gritar impedindo tal atitude, ele foi atacado pela matilha e o alpha moveu-se pela escuridão, entrando no estabelecimento, dilacerando os homens, enquanto eles gritavam, tentando fugir.

Tentei levantar-me para ajudar, mas, eu sangrava tanto, que minha própria mente desencorajou-me a tal decisão, fechei os olhos e durante cinco minutos inteiros o horror aconteceu, silenciando em seguida, quando os abri novamente, regoziquei com a cena de destruição, a taverna queimava e meus braços estavam repletos de marcas podres, ao longe, via as pegadas de mofo seguindo na direção da cidade e fiquei em choque, tudo aconteceria de novo, eu teria que impedir de alguma forma.

Levantei, apanhando minha espada e segui mancando em direção a cidade, quando enfim cheguei, a destruição já havia começado e o chefe se alimentava das almas da população.

– Ei, seu saco de pulgas pútridas, a sua briga é comigo! – Eu apanhava uma pedra grande que havia restado de uma casa destruída e arremessei em suas costas, em movimento certo, ele virou-se para mim, sua face tornou-se ainda mais amedrontadora, porém, desta vez eu não hesitei, em sua boca uma mulher sangrava e apodrecia, dando pena de sua alma, assim, zelando pela segurança do restante da população, agarrei na espada e saltei para ele.

Seus capachos vinham em minha direção, para salvar o líder, mas eu finquei a lâmina em um de seus olhos, estourando-o

e fazendo a gosma escorrer, derretendo uma parte da espada, entretanto, por todo o seu corpo de escuridão, outros se abriram, um urro ensurdecedor fez o chão tremer e eu despenquei, deixando a espada presa nele.

Os lobos estavam desorientados, uma parte deles me atacava, a outra, atacava ao próprio alpha e os outros ainda faziam algazarra pela cidade, enquanto a fera enlouquecia matando os próprios aliados para tentar retirar a arma de sua testa. Aquela era a minha chance, apanhei a barra de ferro ao meu lado, acertando os capachos que atacavam-me, deixando-os atordoados e dirigi-me novamente para o principal, deferindo contra ele uma série de golpes, entretanto, em um movimento rápido, seus dentes cravaram-se em meu corpo erguendo-me no ar, enquanto sua saliva tóxica atingia o meu corpo.

Gritei de dor, sentia tudo dentro de mim putrificando, algumas pessoas finalmente reuniram coragem para combater o inimigo enquanto eu caía dava o golpe final, fincando ainda mais a lâmina em seu crânio, o fazendo cair sobre os próprios joelhos, ele pressionava ainda mais seus dentes contra mim, fazendo minha visão tornar-se nublada, até que enfim morreu, os lobos se dissiparam e algumas pessoas puxaram-me para fora da boca da fera, enquanto as almas deixavam seu corpo, uma a uma, reduzindo o grande monstro a um lobo comum.

Mãos seguravam as minhas, todos sabiam que para a minha situação não havia nenhuma saída a não ser, a morte, porém, entre todas as pessoas uma bela mulher, segurando a mão de uma criança encarava-me com um sorriso bonito nos lábios, era Hannah, minha esposa, eu sorri-lhe de volta, sentindo-me oscilar entre as duas realidades.

– Karmago! – Falava o médico local, aproximando-se e ajoelhando-se ao meu lado. – Por Deus...

– Está tudo bem, estou partindo agora... – sorria, quase sem forças.

– Vá em paz, meu amigo...

Via Hannah estender sua mão e a apanhei, levantando, enquanto assistia meu olhar tornando-se opaco e sem vida, desviei os olhos e a abracei, acariciando os cabelos de minha filha.

– Vamos para casa.

Um Belo Ser

No processo de criação do mundo Deus fez o homem à sua semelhança, e a costela de Adão serviu de inspiração para a criação de um belo ser, que, porém, logo, foi tentado pela serpente e acabou comendo o fruto proibido. A partir desse momento teve início sua estigmatização. Não sei se é um olhar equivocado, mas tudo nos leva a crer que era preciso puni-lo pela desobediência para que servisse de exemplo.

O estigma permaneceu através dos tempos. A sociedade passou por diversas transformações, como é o caso do advento da modernidade, mas alguns pensamentos e comportamentos continuaram intactos/inalteráveis devido ao forte poder controlador da sociedade machista.

O pensamento de que o lugar de mulher é atrás do fogão ou cuidando do lar se perpétua até os dias atuais e é comungado por diversos sujeitos de diferentes classes sociais. Mas também há aqueles sujeitos, incluindo muitas feministas, que gritam aos quatro cantos que o seu lugar é na linha de frente. Vejo que esse lugar vem sendo ocupado ao longo do tempo, mesmo que de modo tímido, apesar das antipatias.

Ao trazer o olhar para a mulher brasileira é possível observar diversas situações que conduzem ao protagonismo deste ser. Na atualidade, em nossa sociedade, muitas famílias são chefiadas pelo brilho e encantamento da mulher. O nosso país, apesar do golpe, tinha a figura feminina no comando do país, quebrando vários preconceitos e mitos. Assim, a figura feminina foi e segue ocupando espaços que outrora eram apenas dos homens.

Mas é válido ressaltar que não são todas as pérolas que chegam a tal patamar, pois ainda há algumas presas aos padrões machistas, vítimas do silenciamento, opressão, humilhação e sem identidade, tratadas como um inseto que ainda não foi catalogado pelo biólogo.

Aqui quero destacar, em especial, a força, o trabalho, o amor, a determinação e a esperança da mulher sertaneja. Esta, diferente da mulher urbana, vivencia em seu dia-a-dia a ação desumana que o homem comete contra ela, devido à ignorância

Carlos Aragão
cana_aragao@yahoo.com.br

É professor de Língua Portuguesa na Rede Estadual de Sergipe, ministrando aulas no Colégio Estadual 28 de Janeiro em Monte Alegre de Sergipe -SE. Graduado em Letras Português/ Inglês (UNIT) e Mestre em Letras (UFS). Membro Efetivo da Academia Gloriense de Letras (AGL), cadeira de nº 13. Coordenador do projeto “A Poesia indo à Escola” e coordenador adjunto do projeto de Criação Literária “Jovens Cronistas do Sertão”.

e à cultura machista presentes nas terras por onde o bando de Lampião passou. Mas, mesmo com tamanhas adversidades, ainda encontramos bravas mulheres que rompem as amarras, mostrando que o seu lugar não é de submissão e tampouco de dominação e sim de igualdade.

A busca pela igualdade, por exemplo, é constante na vida de Dona Zefa da Guia, líder comunitária, parteira e cuidadora da saúde espiritual do seu povo, moradora de uma comunidade quilombola no município de Poço Redondo-SE. Além de Dona Zefa, temos a história de diversas professoras das décadas de 1960-1980, que lutaram contra tudo e todos para transformarem a sua realidade e a do seu povo sertanejo, libertando-o das amarras dos coronéis, sofrendo perseguições políticas, como foi o caso de Dona Etelvina, professora do município de Monte Alegre de Sergipe-SE, que nunca deixou que o seu objetivo fosse desfocado.

A mulher precisa ser respeitada, cuidada, apreciada, admirada e amada por toda a sociedade. É necessário lembrar que ela é uma das peças fundamentais para a existência da vida humana. Nesse sentido, se não há mulher, como teremos novas gerações, flor, beleza e perfume para alegrarem o nosso mundo caótico?



Gosta de escrever e gostaria de ser um autor publicado?
Conhece alguém que se encaixa nessa descrição?

Sobre a Revista

É uma revista digital de jornalismo literário que abre espaço para escritores iniciantes divulgarem seus trabalhos e entrarem em contato com o mercado literário, que é representado pelas grandes editoras, além de crescerem em sua arte.

A escolha dos textos

Cada edição será construída em cima de um tema. Os textos a serem publicados serão escolhidos pelo Conselho Editorial, com base nas regras indicadas no edital publicado no site.

Onde nos encontrar

Site: www.revistavessa.com

Facebook: [/revistavessa](https://www.facebook.com/revistavessa)

twitter: [@RevistaAversa](https://twitter.com/RevistaAversa)

tumblr: www.revistavessa.tumblr.com

